

Riquet do Penacho

Era uma vez uma Rainha que teve um filho tão feio e disforme que por muito tempo se duvidou de que tivesse forma humana. Uma Fada que assistiu ao seu nascimento assegurou que não deixaria de ser simpático, porque era dotado de muita Inteligência; e até acrescentou que, em virtude do dom que lhe estava a conceder, viria a ter tanta inteligência que aos olhos da pessoa por quem se apaixonasse passaria a ser o mais belo homem do mundo.

Isto consolou um pouco a infeliz Rainha, que vivia tão angustiada por ter tido um filho assim disforme. É certo que esta criança logo que começou a falar disse imensas coisas lindas e em todos os seus gestos havia qualquer coisa de elevado que fascinava. Esqueci-me de dizer que



viera ao mundo com um pequeno tufo de cabelos no alto da cabeça, o que fez com que lhe comessem a chamar Riquet do Penacho, uma vez que Riquet era o nome de família.

Sete ou oito anos depois, a Rainha de um Reino vizinho teve duas gémeas. A primeira que nasceu era mais bela do que o dia; a Rainha sentiu por essa razão tal alegria que chegou mesmo a recear que essa alegria lhe fizesse mal. A mesma Fada que tinha assistido ao nascimento do pequeno Riquet do Penacho estava presente, para moderar a alegria da Rainha, declarou-lhe que aquela Princesinha não teria inteligência nenhuma e seria tão estúpida quanto bela.

Isto afligiu muito a Rainha, mas alguns momentos depois teve um desgosto ainda maior, pois a segunda filha que lhe nasceu era extremamente feia.

– Não estejais em tão grande aflição, Senhora – disse-lhe a Fada. – A vossa filha, em compensação, será dotada de tanta inteligência que quase não se notará a sua fealdade.

– Deus assim o quis – respondeu a Rainha.

– Mas não haverá possibilidade de conceder um

pouco de inteligência à mais velha, que é tão bela?

– Nada posso fazer por ela, Senhora, no campo da inteligência – disse-lhe a Fada –, mas posso no campo da beleza; e como não há nada que eu não queira fazer para vos alegrar, vou conceder-lhe o dom de poder tornar belo quem lhe agradar.

À medida que estas duas Princesas iam crescendo, também as suas qualidades iam aumentando, e em todo o lado não se falava senão da beleza da mais velha e da inteligência da mais nova. Também é verdade que os seus respetivos defeitos se acentuavam com a idade. A mais nova cada vez era visivelmente mais feia e a mais velha, à medida que os dias passavam, ia ficando cada vez mais estúpida.

Ou não dava resposta ao que lhe perguntavam ou dizia asneira. Tornou-se assim tão desastrada que não era capaz de arrumar quatro peças de Porcelana junto da chaminé sem que uma se quebrasse, nem conseguia beber um copo de água sem entornar metade sobre os seus vestidos.

Embora a beleza represente muitos pontos a favor, quando se trata de jovens, a verdade é que a irmã mais nova levava quase sempre vantagem sobre a mais velha em todas as Reuniões. A princípio todos iam para junto da mais bela, para a verem e admirarem, mas bem depressa preferiam a companhia da mais inteligente, para a ouvirem falar de imensas coisas interessantes; e era de admirar como, em menos de um quarto de hora, a mais velha ficava sozinha e todos se agrupavam em torno da mais nova. A irmã mais velha, embora fosse muito estúpida, notava perfeitamente o que acontecia e de boa vontade daria metade da sua beleza para ter metade da inteligência da sua irmã.

A Rainha, sensata como era, não podia deixar de a repreender algumas vezes por tanta estupidéz, o que quase fazia morrer de desgosto a pobre Princesa.

Um dia em que se retirara para o bosque para aí chorar a sua infelicidade, viu chegar junto de si um rapaz muito feio e disforme, mas sumptuosamente vestido. Era o jovem Príncipe Riquet

do Penacho que, tendo ficado apaixonado por ela depois de a ter visto desenhada em Retratos que eram espalhados por todo o mundo, deixara o Reino do seu Pai a fim de ter o prazer de a ver e de lhe falar. Encantado por a encontrar assim sozinha, dirigiu-se-lhe com o maior respeito e a maior delicadeza possíveis. Tendo reparado, depois de a cumprimentar, que ela estava muito triste, disse-lhe:

– Não compreendo, Senhora, como é que uma pessoa tão bela como vós sois pode estar tão triste como pareceis; pois, embora eu me possa gabar de já ter visto uma infinidade de pessoas belas, juro-vos que nunca vi maior beleza do que a vossa.

– Isso lhe apraz dizer, Senhor – respondeu a Princesa; e mais não disse.

– A beleza – retorquiu Riquet do Penacho – é um dom tão grande que deve sobressair de tudo o mais; e quando ela se possui, como acontece convosco, não vejo o que poderá dar origem à tristeza.

– Eu preferia – disse a Princesa – ser tão feia como vós, mas ter inteligência, em vez de ser bonita como sou, e tão estúpida.

— Senhora, o maior sinal de inteligência é julgar-se que não se possui inteligência, pois, quando ela na realidade existe, é próprio julgar-se que se tem falta dela.

— Eu isso não entendo — disse a Princesa —, mas sei que sou muito estúpida, e é esse o desgosto que me mata.

— Se é apenas isso, Senhora, o que vos aflige, facilmente eu porei fim à vossa aflição.

— E como o consegue? — perguntou a Princesa.

— Eu tenho o dom, Senhora, de poder dar inteligência, tanta quanta for possível, a quem eu amar neste mundo, e como sois vós, Senhora, quem eu amo, apenas depende de vós ter a maior inteligência possível, se for vossa vontade desposar-me.

A Princesa ficou indecisa e não disse nada.

— Vejo — disse Riquet do Penacho — que esta proposta não vos agrada, e isso não me admira; mas dou-vos um ano para decidir.

A Princesa tinha tão pouca inteligência, mas ao mesmo tempo tanto desejo de a adquirir, que um ano lhe pareceu tempo demasiado para esperar;

de maneira que aceitou a proposta que lhe tinha sido feita. Logo que prometeu a Riquet do Penacho que daí a um ano, naquele mesmo dia, se casaria com ele, começou a sentir-se como nunca até então se sentira; viu-se a exprimir com uma facilidade inacreditável tudo o que queria dizer, e isto de um modo muito fino, fluente e natural. Naquele momento começou uma conversa galante e elevada com Riquet do Penacho, durante a qual demonstrou um tal brilho que Riquet quase imaginou ter-lhe dado a ela mais inteligência do que a que tinha guardado para si próprio. Quando voltou para o Palácio, a Corte não sabia o que pensar de uma mudança assim tão súbita e extraordinária, pois, com a mesma frequência com que antigamente só dizia asneiras, agora falava de coisas sensatas e infinitamente elevadas. Toda a Corte teve, com esta mudança, uma alegria difícil de imaginar; apenas a sua irmã mais nova ficou triste, pois, não tendo já sobre a irmã mais velha o ascendente da inteligência, junto dela não parecia agora senão uma disforme macaca.

O Rei atendia os seus conselhos e algumas vezes chegava a reunir as Cortes nos seus Aposentos. A fama de tal mudança espalhou-se e todos os jovens Príncipes dos reinos vizinhos imploraram o seu amor, e quase todos a pediram em Casamento; mas ela não os achava suficientemente inteligentes e escutava todos sem se comprometer com nenhum.

Entretanto, apareceu um tão poderoso, tão rico, tão inteligente e tão elegante que não conseguiu disfarçar a sua simpatia por ele. O Pai, tendo notado isso, disse-lhe que era ela quem escolheria o Príncipe que havia de ser seu Esposo e que não tinha mais do que dizer quem preferia.

Como é sabido que, neste assunto, quanto mais inteligente se é, mais difícil se torna tomar uma decisão, pediu ao Pai que lhe desse tempo para pensar nisso. E, por acaso, foi passear para o mesmo bosque onde tinha encontrado Riquet do Penacho, com o fim de meditar mais tranquilamente no que havia de decidir.

Enquanto passeava, sonhando profundamente, ouviu um ruído surdo sob os seus pés, como se

se tratasse de várias pessoas andando para cá e para lá, a trabalhar. Pondo-se a escutar mais atentamente, ouviu que um dizia:

– Dá-me essa panela.

E outro:

– Dá-me essa caldeira.

E outro:

– Deita mais lenha no lume.

Ao mesmo tempo a terra abriu-se e viu sob os seus pés como que uma grande Cozinha cheia de Cozinheiros, de Panelões e de toda a espécie de Criados necessários para realizar um magnífico banquete. Dali saiu um grupo de vinte ou trinta criados especializados em Grelhar carne, os quais se dirigiram para uma álea do bosque e se colocaram em volta de uma mesa muito comprida, em cima da qual começaram a lardear à mão a carne, enquanto, com os seus bonés enfeitados com caudas de raposa, iam trabalhando alegremente, ao ritmo de uma Canção harmoniosa.

A Princesa, admirada por ver semelhante espetáculo, perguntou-lhes para quem estavam eles a trabalhar.

— Senhora, trabalhamos para o Príncipe Riquet do Penacho, que casa amanhã — respondeu o que parecia ser o chefe do grupo.

A Princesa, mais surpreendida do que nunca, e lembrando-se de repente de que há precisamente um ano, num dia semelhante àquele, tinha prometido casar com o Príncipe Riquet do Penacho, julgou desmaiar. O que fizera com que nunca mais se tivesse lembrado de tal fora o facto de ter feito essa promessa no tempo em que era ainda estúpida, e depois, uma vez adquirida a nova inteligência que o Príncipe lhe havia dado, não mais se recordara dos seus antigos disparates. Ainda não teria dado trinta passos em continuação do seu passeio, quando lhe apareceu o Príncipe Riquet do Penacho, elegante, magnífico como um Príncipe que se vai casar.

— Aqui estou, Senhora, pontual, a cumprir a minha palavra e não duvido de que estais aqui para cumprir a vossa e para, ao conceder-me a vossa mão, me transformar no mais feliz dos homens.

— Confesso-vos francamente — respondeu a Princesa — que ainda não tomei tal resolução e

que muito receio não tomar aquela que vós desejais.

— Surpreendeis-me, Senhora — disse Riquet do Penacho.

— Eu creio — disse a Princesa —, e disso não tenho a mínima dúvida, que se tivesse de ter esta conversa com um homem estúpido, com um homem sem inteligência, me sentiria seriamente embaraçada. Uma Princesa só tem uma palavra, dir-me-ia ele, e tem de casar comigo, uma vez que o prometeu; mas, como aquele a quem eu me dirijo é o homem mais inteligente do mundo, tenho a esperança de que me compreenda. Sabeis que, até mesmo quando eu era ainda muito estúpida, hesitei em me resolver a casar convosco; como pretendeis que, com a inteligência que vós me deste, a qual neste caso é uma desvantagem, eu hoje possa tomar aquela resolução que nem nesse tempo fui capaz de tomar? Se realmente era vossa intenção casar comigo, foi então um erro acabar com a minha estupidez e fazer-me ver tudo tão lucidamente como hoje vejo.

— Se um homem sem inteligência — retorquiu Riquet do Penacho — tinha possibilidades de ser atendido por vós, como acabais de dizer, e vos repreendesse pela vossa falta de palavra, porque pretendeis, Senhora, que eu não proceda da mesma maneira, se se trata de uma decisão da qual depende toda a felicidade da minha vida? Será justo que as pessoas que possuem inteligência tenham de ficar numa situação inferior à daqueles que a não possuem? É isso o que realmente pretendeis, vós que tendes uma tão bela inteligência e que tanto desejáveis tê-la? Mas voltemos ao assunto, por favor. À exceção da minha fealdade, há qualquer outra coisa em mim que vos desagrade? Desgosta-vos a minha origem, a minha inteligência, o meu caráter, os meus modos?

— De maneira nenhuma — respondeu a Princesa. — Em vós agrada-me tudo o que acaba de referir.

— Se assim é — respondeu Riquet do Penacho —, eu poderei ser feliz, porque vós tendes o condão de me transformar no mais belo dos homens.

— Como é que isso pode acontecer? — perguntou a Princesa.

— Assim acontecerá — respondeu Riquet —, se o vosso amor for tão grande que desejeis que isso aconteça; e para que não duvideis mais, Senhora, eu vos faço saber que a Fada que no dia do meu nascimento me concedeu o dom de poder tornar elevada a pessoa que eu amasse, também a vós concedeu o dom de poder tornar belo o homem ao qual dêsseis o vosso amor e ao qual fosse de vossa vontade dar tal alegria.

— Se isso é assim — disse a Princesa —, então desejo do fundo do meu coração que vos torneis o Príncipe mais belo do mundo, e o mais atraente; e eu vos concedo tanta beleza como a que eu própria possuo.

Mal a Princesa acabou de pronunciar estas palavras, Riquet do Penacho surgiu ante os seus olhos como o mais belo homem do mundo, o mais elegante e o mais atraente que jamais vira.

Houve pessoas que afirmaram não terem sido os poderes da Fada, mas sim os do Amor, que operaram esta Metamorfose.

Houve quem dissesse que a Princesa, tendo pensado bem na perseverança do seu Apaixonado, na sua prudência, não se importou com a deformidade do seu corpo nem com a fealdade do seu rosto, e que o penacho que os seus cabelos formavam no alto da cabeça lhe fazia lembrar o ar simples de alguém que se queria salientar; e que, em vez de o ver coxear terrivelmente como vira até então, nesse facto agora descobria um certo modo afetado de andar, que a encantava; houve ainda quem dissesse que os olhos dele, que eram tortos, ela os achava muito brilhantes, e que até o serem tortos não passava, em sua opinião, do sinal de um violento excesso de amor; e que, finalmente, o seu enorme nariz vermelho lhe parecia a ela que tinha qualquer coisa de Guerreiro e de Heroico.

Fosse pelo que fosse, a verdade é que a Princesa ali mesmo prometeu casar com ele, uma vez obtido o consentimento do Rei, seu Pai.

O Rei, tendo sabido que a filha alimentava profunda estima por Riquet do Penacho, que ele aliás conhecia como sendo um Príncipe de espírito

muito elevado e muito sensato, aceitou-o com muito prazer para seu Genro.

No dia seguinte celebraram-se as bodas, tal como Riquet do Penacho havia previsto e segundo as ordens que já há muito tempo havia dado.

MORALIDADE

O que se acabou de ler não é um conto sem sentido, mas a expressão da verdade; acha-se bom o que se ama, o que se ama tem inteligência.

OUTRA MORALIDADE

Num ser que a Natureza dotou de belos traços e de uma cor tal que a Arte jamais será capaz de reproduzir, tais dons não terão tanto poder para tornar um coração sensível como um só invisível encanto que apenas o Amor saberá descobrir.